

Iluminação contemporânea

Por Claudia Sá
Consultoria Ladislao Szabo

Efeitos luminosos
para o design arquitetônico



PARA QUEM ESTUDA LUMINOTÉCNICA, DISTRIBUIR A LUZ uniformemente por todo o ambiente, na quantidade ideal para o tipo de atividade desenvolvida no local, seguindo as normas estabelecidas, certamente concorda que este é apenas o feijão-com-arroz do que hoje é possível criar em projetos de iluminação.

Individualismo, flexibilidade, velocidade e avidez pelos estímulos e prazeres: em torno destas premissas gira o mundo atual. E, para atender às demandas geradas por este público, que convive nos mesmos espaços com a diversidade de pensamento e tendências, a luminotécnica teve de ultrapas-

sar a barreira da funcionalidade para participar da criação do espaço, com os chamados efeitos luminosos.

Para entrar no ritmo desta sociedade, movida pela busca emergencial da satisfação e novidade, é necessário ao lighting designer o entendimento de que as soluções, que hoje são absolutamente o que há de mais moderno, estão em constante mudança e aperfeiçoamento. Cabe ao profissional garimpar novidades e criar, seguindo ou se adiantando à toada da modernidade.

Muito além de simplesmente iluminar, os projetos luminotécnicos contemporâneos podem ter como finalidade pro-

mover economia de energia elétrica, decorar, dar conforto, estimular sensações como relaxamento, alegria, vibração etc. Entre as técnicas mais utilizadas para se chegar a estes resultados, estão: luz de destaque, banho de luz ou wall wash, jogos de fachos, jogos de sombras, silhueta, up light, down light, front light, back light, luz rasante, iluminação decorativa, controle de intensidade de luz, luz estrutural ou arquitetônica, chiaroscuro e sfumato, entre outros.

Caminho trilhado

Ainda que a profissão de lighting designer não esteja regulamentada em muitos países, como é o caso do Brasil, muito tem sido feito ao longo dos anos, desde que a lâmpada foi inventada, para se chegar a este momento, totalmente tecnológico e consideravelmente rico em literatura sobre luminotécnica. A história da iluminação artificial inicia-se em 1879 com o aprimoramento da lâmpada incandescente, em formato de pêra, de Thomas Edison.

Neste primeiro momento da iluminação, a única fonte de luz artificial disponível é a lâmpada incandescente, que oferece baixas iluminâncias. No entanto, procura-se estabelecer a primeira linguagem de luz artificial, ao mesmo tempo que a Arquitetura passa por grandes mudanças.

A luz geral modernista

Já no final do século 19, o arquiteto norte-americano Frank Lloyd Wright faz suas primeiras obras em Chicago. Com as poucas luminárias disponíveis no mercado, desenvolve projetos de iluminação perfeitamente integrados à arquitetura, atingindo iluminâncias em torno de 50 lux. Passada a Primeira Guerra Mundial, o mundo entra em acelerado desenvolvimento industrial, e o Movimento Moderno se impõe na Arquitetura; uma ala desse movimento apela para a racionalidade e fala da sociedade “das máquinas”, criando a chamada “máquina de morar”, como solução para oferecer alta tecnologia aos moradores.

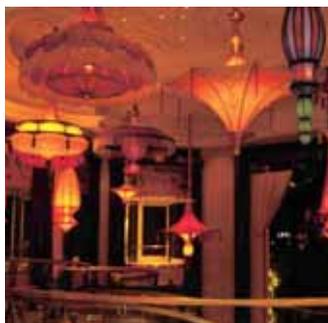
Na produção arquitetônica, é marcante a presença da indústria em detrimento do artesanato. Há também pesquisas de soluções de massa para as necessidades de massa, aumento da produtividade, diminuição de custos e prazos; enfim, ►

Luz de destaque: revela determinadas partes dos ambientes, como objetos, paredes ou cortinas iluminadas, por exemplo. Geralmente o efeito é obtido com o uso de spots, criando-se uma diferença de iluminância de 3x, 5x ou até 10x a luz.



Luz estrutural ou arquitetônica: utiliza elementos arquitetônicos, como cornijas, sancas etc, para dar suporte às fontes de iluminação. No entanto, deve-se tomar cuidado com o termo “luz arquitetônica”, pois toda a luz aplicada em ambientes construídos deve estar em perfeita integração com a arquitetura, sendo, portanto, iluminação arquitetônica.

Sfumato: em italiano, sfumato significa misturado, com conotações de esfumado. Na pintura, o termo foi utilizado por Leonardo Da Vinci para denominar suas sucessivas camadas de cor, que proporcionam profundidade, forma e volume à obra. Na iluminação, este efeito é alcançado com a superposição de aparelhos com cores de lâmpadas ou filtros diferentes. É muito utilizado na iluminação cênica, para criar a sensação de volume numa superfície plana, e na teatralização de ambientes residenciais ou comerciais.



Iluminação decorativa: o uso de luminárias valorizadas pelo seu design, quando a função decorativa se sobrepõe ao efeito de luz que emana. Normalmente são lustres antigos, arandelas coloniais, velas e luminárias de néon, por exemplo, criadas por artistas e ceramistas.

Up light: luz direcionada de baixo para cima, destacando superfícies horizontais como o forro ou paredes.



Banho de Luz (wall-wash): destaca-se uma superfície com um banho de luz e a textura da parede é ressaltada, criando um foco de atenção dentro do espaço. Diversos objetos na parede podem ser iluminados com uniformidade e a superfície se transforma em uma fonte secundária de luz. Um efeito interessante é a combinação do banho de luz com a luz de destaque, criando no espaço três níveis bem diferenciados de iluminação: o do ambiente, o da superfície e o do destaque.



Pontos luminosos: usa-se a fonte de luz para criar o efeito e não para iluminar objetos ou superfícies. Propício para ambientes escuros, este efeito é alcançado com lâmpadas, geralmente, de baixa potência, como LEDs contornando uma área ou uma série de pontos de fibra ótica no teto, criando um céu estrelado, por exemplo.



Front light: iluminação totalmente frontal de uma superfície, provocando nela um efeito chapado. Utilizado normalmente para áreas externas, como fachadas, este efeito tem a função de dissimular qualquer defeito de alinhamento ou ondulação.



Silhueta: coloca-se a luz atrás de um determinado objeto, que será destacado pela sua silhueta em brilho.



Down light: luz direcionada do forro para baixo, destacando planos horizontais.



Modulação de intensidade: recurso que possibilita o controle da intensidade de luz, com o objetivo de criar ambientações diferentes e oferecer iluminação específica para cada necessidade, além de proporcionar economia de energia.

recusa do ornamento em prol da funcionalidade. Surge, então, a primeira geração de grandes arquitetos do século 20, como Walter Gropius, Le Corbusier e Alvar Aalto.

Tratando-se de iluminação, uma das principais personalidades desta safra de gênios da arquitetura moderna é Ludwig Mies van der Rohe, com suas torres de cristal. Mies propõe espaços uniformemente iluminados com grandes superfícies acristaladas, como que refletindo a abóbada celeste no pano de vidro. Essa iluminação lateral é rebatida para o forro e combinada com a luz de luminárias distribuídas pelos ambientes. As diversas superfícies do projeto são iluminadas de uma maneira uniforme, surgindo o conceito da “luz geral”, que defende que o espaço arquitetônico deve ser uniformemente iluminado.

Esta iluminância horizontal homogênea tem como vantagem permitir a flexibilidade do layout do espaço, podendo ser indicado para escritórios panorâmicos. Entretanto, como as luminárias estão distribuídas em todo o espaço, tornam-se necessários cuidados com o controle de possíveis ofuscamentos. Neste caso, as lâmpadas utilizadas foram as fluorescentes, lançadas em 1939. O modelo, de rendimento muito superior à incandescente (de 56 lumens por watt, nos anos 50, e 72 lumens por watt, nos anos 60, contra 12 lumens da lâmpada incandescente) permitia níveis de aclaramento muito maiores que os alcançados até então: de 200 a 400 lux nas áreas de trabalho.

O pós-modernismo e o lighting design

A implosão, em 1972, do premiado conjunto habitacional Pruitt Igoe, considerado um marco da arquitetura modernista, em Saint Louis, Estados Unidos, marca o fim do Movimento Moderno. É neste momento da História que surge o pós-modernismo, uma forte reação à austeridade e monotonia do modernismo simplificante. O público, que não se identificava com os espaços que a arquitetura moderna propunha, passa a olhar com uma visão crítica o racionalismo econômico calculista do Movimento Moderno.

Dentro do pós-modernismo, surge a cultura pop, o desconstrutivismo e uma série de outros movimentos. O público consumidor é estimulado a buscar lazer, sedução, erotismo e luxo, a fim de ►

Anuncie

Lume Arquitetura. Os melhores clientes são os que têm acesso à melhor informação.

Um profissional bem informado reconhece o que é tradição, sem ter medo do novo. Conhecimento é poder. Por isso, Lume Arquitetura é lida pelos melhores profissionais do mercado. São arquitetos, lighting designers, engenheiros, pessoas interessadas em conhecer o produto ou serviço que você tem a oferecer. Anuncie em Lume Arquitetura e ganhe visibilidade na melhor revista do segmento de iluminação.



Publicidade Lume Arquitetura

(11) 3801 3497

publicidade@lumearquitetura.com.br

ou no nosso site: www.lumearquitetura.com.br

LUME
ARQUITETURA

A melhor informação sobre iluminação

Jogos de fachos: criam-se desenhos luminosos nas superfícies do ambiente, tirando partido da luz e da sombra; esses efeitos também podem ser obtidos com projetores cênicos com gobos, que possibilitam a projeção de uma imagem, pela passagem de luz por uma placa de metal ou de vidro, sendo a luz gerada por aparelhos específicos para este fim, tipo elipsoidal ou moving lights; em metal, esta imagem é construída por meio de sua própria corrosão ou do corte a laser, e em vidro, com a fotografia.



Jogos de sombras: técnica reversa dos jogos de fachos; coloca-se algum objeto diante do fecho e projeta-se sua sombra em uma superfície, como por exemplo, as sombras das plantas do paisagismo interior ou de uma escultura.

Back light: a luz ultrapassa um painel translúcido, como acrílico ou vidro jateado, transformando-o em peça decorativa e luminosa.



Luz rasante: uma luz rasante, direcionada a uma distância de 15 a 30 centímetros da parede, com o objetivo de revelar sua textura. Os raios de luz ficam paralelos ao local que deve ser iluminado, gerando contrastes entre o claro e o escuro, ao mesmo tempo que destacam essa superfície vertical.

Chiaroscuro: efeito dramático, criado por meio do contraste extremamente forte entre o claro e o escuro. A luz define objetos sem usar linhas de contorno, apenas gera muita luz focada em um espaço para a produção de contraste.



compensar suas dificuldades diárias. Consumir dá satisfação, apregoava o pensamento corrente. Escreve o pensador da cultura pós-moderna David Harvey: "Não se deve ler o pós-moderno como uma corrente autônoma; seu enraizamento na vida cotidiana é uma se suas características mais patentemente claras".

E, se o mundo muda, mudam-se também as concepções arquitetônicas e, evidentemente, a iluminação artificial: Surge o que hoje chamamos de lighting design. Esta nova arte entende que não só a luz, mas a sombra também é importante, e um bom projeto de iluminação seria a somatória desses dois elementos. Para estes artistas da luz, uma boa fonte de conhecimento e inspiração é a arquitetura, as artes plásticas e o cinema. As igrejas românicas, góticas, renascentistas e barrocas, assim como os quadros de Caravaggio, Veermer ou Rembrandt, entre outros, cada filme do expressionismo alemão e de Sergei Eisenstein, Orson Welles e Francis Ford Coppola equivalem a uma boa aula de iluminação.

Em suma, o pós-modernismo determinou o abandono à iluminação puramente técnica, colocando como foco o usuário, com sua psicologia, sensações e percepção do espaço. A luz passou a não somente resolver questões funcionais, mas também se tornou a expressão subjetiva do projetista que, como os artistas, vivem em incessante busca para alcançar a alma humana e suas necessidades e desejos. ◀



Artigo baseado na apresentação de Ladislao Szabo na VIII Conferência Pan-Americana de Iluminação - Lux América 2006, em Montevideo, Uruguai. Ladislao é arquiteto, mestre em Arquitetura e Urbanismo e doutor em Estruturas Ambientais e Urbanas. É professor de graduação e pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie.

Nota do editor: as fotos utilizadas neste artigo foram retiradas do arquivo de imagens da Revista Lume Arquitetura, tendo sido a maioria delas publicadas em edições anteriores. A seguir listamos, por ordem de aparição das fotos, os nomes de seus fotógrafos e/ou sua origem como divulgação: Martin Architectural; Lutron; Ricardo Stuckert; Zumtobel; Luciana Costantin; Claudio Portela; Jefferson Bandeira de Melo; Daniela Pawelski Amaro de Fraga; Fasa Fibra Ótica; José Moscardi Filho; Cemig; LedPoint; Lutron; Sebastião Vasconcelos; Lume Arquitetura; André Nazareth; Scene Iluminação.